

O CORPO NEGRO EM DIÁSPORA: A Dança Negra no debate Patrimonial no município de Pelotas

NAIANE RIBEIRO ROSA¹; LÚCIO MENEZES FERREIRA²; ALEXANDRA GONÇALVES DIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – naiahrb@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luciomezenes@uol.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – xandadias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, configura-se como um fragmento do processo de concepção da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Integra-se, também, ao projeto O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888), coordenado pelo Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira.

A investigação visa a analisar os espetáculos de Danças Negras que são produzidos nos Patrimônios Históricos do município de Pelotas, Rio Grande do Sul, cujas performances reivindicam a memória da Diáspora Africana. Logo, busca-se discorrer acerca do processo de idealização, exibição e resultados das obras, a fim de problematizar os distintos modos de fazer arte sob um olhar de ressignificação de espaços imersos no mesmo contexto de um discurso hegemônico sobre a identidade gaúcha europeia e branca.

Investigar-se-á, assim, o apagamento histórico das populações negras dentro de espaços que podem e devem serem reconhecidos, também, como lugares de memória afro-diaspórica (PIERRE NORA, 1997). O debate será sobre a dança afro como patrimônio imaterial de origem negra. Trata-se de reconhecer as danças negras como sócio-transmissores de uma memória ancestral, entendendo a recuperação destas memórias como um modo de reconstituir novas identidades em novos espaços (HAYES, 2012).

A investigação se debruçará nos espetáculos “Dança dos Orixás” (Cia. De Danças de Matriz Africana Daniel Amaro), e Preto é o Lugar Onde Moro (autoria própria), para assim repensar os lugares portadores de memória particularmente significativa (PIERRE NORA, 1997), como a Charqueada São João e o Porão do Museu do Doce, ambos em Pelotas /RS.

2. METODOLOGIA

A investigação é caracterizada por uma abordagem de cunho qualitativo, mediante um olhar autoetnográfico com enfoque na história oral. Destaco que ao colocar-me em relação direta com os objetos de estudo, passo a entender lugares de subjetividade sobre o próprio eu, ali impregnado. O que segundo Motta e Barros (2015) é a visibilidade para si, o eu do pesquisador tornando-se visível no processo sem que haja uma separação do ambiente de pesquisa, sendo, deste modo, o eu conectado com todo seu entorno. Logo, a proposta da autoetnografia é justamente do olhar sobre o corpo que somos e seus significados na diáspora.

Saliento a escolha do método como uma opção para minha *escrivivência*, o que, segundo Evaristo (2009), é a “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil”, ou seja, a luta contra uma existência e (re)existência, que seleciona partes estratégicas para esta evocação e reconstrução do passado a partir de *becos de memórias*¹.

Por conta do período pandêmico que nos acomete, o desenvolvimento da pesquisa está sendo alterado, principalmente em relação aos trabalhos de campo; logo, as mudanças necessárias estão sendo implementadas, inicialmente, a partir da pesquisa bibliográfica; posteriormente, serão feitas entrevistas, observação participante e pesquisa documental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha da temática deu-se a partir da justificativa impregnada na narrativa patrimonial do município, a qual reforça um apagamento e silenciamento histórico da memória negra, sendo muitas vezes relegada e sua população vista como mão de obra secundária, tanto na edificação arquitetônica do século XIX, como na condição de cidadão contemporâneo.

O trabalho apresenta alguns apontamentos já levantados sobre a investigação, como também a experiência da compreensão para a autoetnografia enquanto um corpo onde a história é gerada internamente e se manifesta externamente, segundo Ronald Pelias (2013).

Problematiza-se a linha identitária oficial do sul do Rio Grande do Sul, cuja narrativa enfatiza brancos de ascendência europeia e lança para fora das margens a população negra. Como diz Chimamanda Adichie (2009, s/p): “é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará”. É a partir do embranquecimento dos patrimônios e memórias que se dá a esteriotipação racial e a construção de identidades coletivas racistas e, portanto, distorcidas.

Tal percepção relaciona-se ao período da diáspora africana, no qual, após a chegada dos negros na região Sul o sistema fixou um estereótipo de mercadoria para tal povo, que resultou no racismo estrutural presente e vigente, incorporado nas narrativas exteriorizadas no patrimônio regional.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho procura ressignificar as narrativas e dos modos de olhar para os patrimônios culturais, uma vez que a proposta dialoga diretamente com as Danças Negras, performances artísticas que potencializam o debate sobre patrimônio cultural. Oliveira (2008) diz que a dança é a comunicação da cultura, e, no caso da dança Afro Brasileira, é o representar da história do negro no Brasil”. Ou seja, as obras aqui estudadas se valem da linguagem da dança como elo de aproximação da história, a partir de um novo olhar, do contato do espectador com a cena, com o ambiente, com os elementos arqueológicos dispostos na trilha de encenação, tendo estes como figuras de objetos ligados às práticas espirituais

¹ A autora utiliza-se do termo “becos de memória” para abordar a relação étnico racial do Brasil contemporâneo a partir da metáfora enquanto denúncia. Nesta perspectiva, os becos seriam os pequenos espaços de resistência e sobrevivência “submetidos à violência em suas diversas modalidades: Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o cenário urbano” que através da literatura, trazem ao leitor qual a cor da pobreza brasileira, mas ao mesmo tempo remete a intelectualidade afrodescendente como potencia no discurso antirracista.

dos ancestrais. Deste modo, o olhar acerca dos espetáculos abrange um campo conceitual que ultrapassa o espaço/tempo da cena e chegam ao íntimo do bailarino/intérprete fazendo-o um autoquestionamento acerca dessa identidade negra que constitui-se a partir deste movimento do corpo afro-diaspórico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. —**O Perigo da História Única II**. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009).

ALVES NETO, Manoel Gildo. **FalarFazendo Dança Afro-Gaúcha: ao encontro com Mestra Iara**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Porto Alegre, RS. 191f.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mudanças da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. In: **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, nº 1, dez 2009/mar 2010.

EVARISTO, Conceição (2008). **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, n. 23

HAYES, K. **Occulting the past. Conceptualizing forgetting in the history and archaeology of Sylvester Manor**. *Archaeological Dialogues*, 18, pp 197-221 doi:10.1017/ S1380203811000262. 2011.

MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de. **Autoetnografia. Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 31, n. 6, p. 1339-1340, jun. 2015. Acessado em 28 set 2020. Online . Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601339

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1997, p.7-28

OLIVEIRA, Débora Ferraz de. **A construção da identidade negra através da dança Afro Brasileira: A História de Mestre King**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional - MinC, 2008 (Programa Nacional de Apoio à Pesquisa).

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. **Dança Afro: Sincretismo de movimentos**. Salvador: Ufba, 1992.